

RESENHA

FERRAZ D., SIREN C., GAMA F. E FLEISCHER S. 180 GRAUS, MINHAS
REVIRAVOLTAS COM O CÂNCER DE MAMA. RIO DE JANEIRO: EDITORA
NAU. 2022. 331 P.

*Autoetnografia em formato de História em Quadrinhos: Uma trajetória
com o câncer de mama*

Isadora Sipp Valle
Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal da Paraíba
E-mail: isadorasvalle@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 19, 2025, e01906, p. 1-9

ISSN 2447-9837



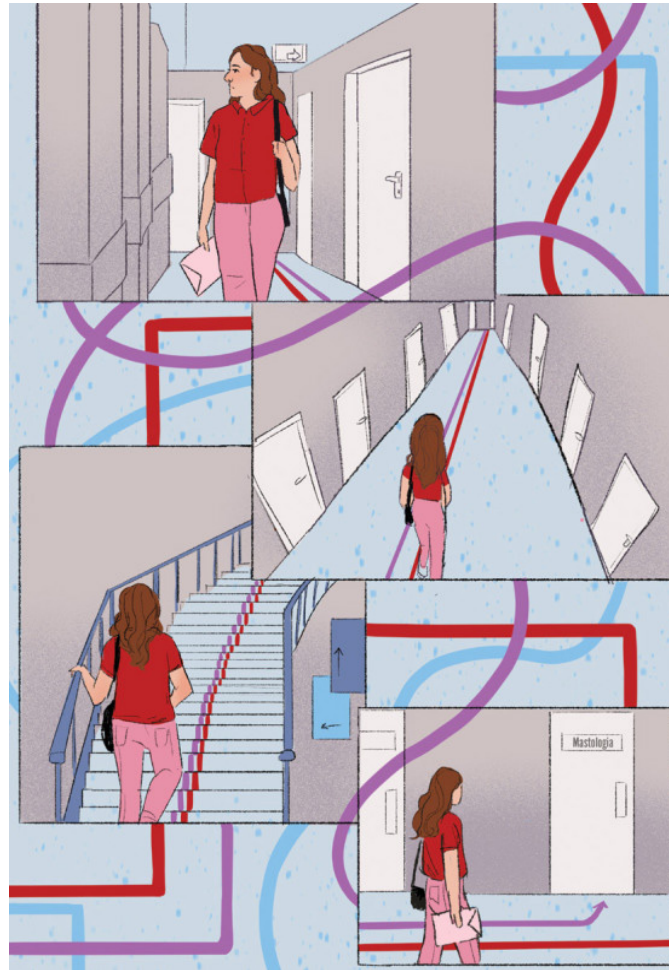


Figura 1: Carolina Passos seguindo as linhas do cuidado. Fonte: Ferraz et al, 2022, p. 81.

A junção entre história em quadrinhos (HQ), promoção à saúde e autoetnografia dá origem à obra “180 graus, minhas reviravoltas com o câncer de mama”¹. O livro, lançado em outubro de 2022 pela editora Nau, tem como autora a psicóloga Dulce Ferraz, contando com ilustrações da artista visual Camila Siren e com colaborações das antropólogas Fabiene Gama e Soraya Fleischer. Ele constitui uma peça fundamental para fomentar a articulação entre o campo da Saúde Coletiva e os estudos sociais sobre processos de saúde e adoecimento, tendo no formato *graphic novel* uma de suas grandes contribuições: a comunicação humanizada que aproxima a leitora do cotidiano de uma personagem que descobre em si o câncer de mama.

A ilustração selecionada para representar a obra (Figura 1) foi escolhida devido

¹ Essa resenha foi escrita no ano de 2023 como resultado da disciplina de graduação “Tópicos Especiais 10: Antropologia da Saúde”, ofertada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB). Agradeço à professora Soraya Fleischer, que conduziu a disciplina, e à minha colega Clarissa Cavalcanti, à época estagiária docente. Ambas leram e fizeram comentários para a melhoria da resenha.

ao duplo sentido das linhas coloridas que aparecem na imagem. Por um lado, a leitora observa Carolina Passos seguindo as Linhas do Cuidado Integral (Franco e Franco, 2011), ferramenta técnica visual implantada pela gestão em saúde que visa estabelecer fluxos de cuidado a partir dos diferentes projetos terapêuticos dos usuários. Por outro lado, pode-se interpretar a ilustração de modo simbólico: as linhas – representando a experiência subjetiva de adoecimento – que entrelaçam a personagem e a levam por uma caminhada pelos corredores do hospital, em busca de compreender aquilo que estava ainda oculto atrás das portas – ou seja, o câncer de mama e uma profusão de sentimentos que ela viveria após o diagnóstico.

Ao mesmo tempo em que apresenta de maneira sensível esta realidade de adoecimento, a obra se sustenta num referencial teórico robusto, trazendo artigos, capítulos de livros e outros materiais que percorrem desde a área biomédica e da saúde pública até outros campos disciplinares, tais como a antropologia visual, abordagens autoetnográficas, antropologia da saúde e medicina gráfica. Assim, uma rápida análise das categorias presentes nos títulos das referências permite que identifiquemos: a bibliografia biomédica que caracteriza lesões e propõe intervenções; aquela de saúde coletiva que traz, por exemplo, a abordagem do Cuidado e a arte-terapia para pensar a promoção da saúde; a de medicina gráfica, que propõe as HQs como instrumentos de criticidade, autonomia, educação médica e cuidado; e a bibliografia antropológica, que trata de biossociabilidades e autoetnografias para pensar autorrepresentações e estados de vulnerabilidade em saúde. A criativa opção por lançar mão deste referencial teórico plural evidencia a preocupação de escrever uma HQ capaz de instruir a leitora com informações técnica e cientificamente qualificadas.

O livro tem início com o prefácio, escrito pelo médico sanitarista José Ricardo Ayres, que destaca três principais formas de cuidado presentes na obra: 1) aquele promovido pelo saber científico e especializado; 2) o autocuidado da pessoa afetada pelo câncer de mama e 3) o cuidado em termos de rede coletiva – familiar e de sistema universal de acesso a recursos – que sustenta aquela que é acometida pelo adoecimento. Na apresentação, Dulce Ferraz escreve em primeira pessoa e expõe que o livro é fruto de sua própria experiência de mulher diagnosticada com câncer de mama aos 36 anos de idade. Para além disso, agrega seu pertencimento enquanto pesquisadora em saúde pública enquanto condição que concorre diretamente em sua experiência pessoal de adoecimento. Dessa forma, ela evidencia que dispor de ferramentas técnicas e teóricas de sua formação foi elementar para que ela pudesse desenvolver a discussão que perpassa a obra escrita, que é o diálogo entre o saber biomédico e a sabedoria prática de quem convive com as doenças. Anotações realizadas por Dulce Ferraz durante o processo de diagnóstico, incluindo a busca por ter-



apêuticas e tratamentos constituem o material que originou o livro. Nele, a protagonista Carolina Passos dá vida a uma história que foi vivida e adaptada para o discurso literário, assim, vale destacar que o livro não é uma descrição literal de fatos vividos pela autora, mas carrega significados compartilhados com sua experiência pessoal. Finalizando a seção de apresentação, Dulce Ferraz exhibe a estrutura na qual o livro está organizado.

Os capítulos 1, 2 e 3 são dedicados à seção ilustrativa da obra. No primeiro capítulo, a descoberta que Carolina Passos faz casualmente sobre a presença de uma bolinha em seu peito esquerdo dá início a uma reviravolta em sua vida. O capítulo, então, retrata sua mobilização na busca por atendimento médico, na realização de exames diversos e o contato intenso que ela passa a ter com o universo biomédico. As dificuldades associadas a esse processo se materializam em laudos e falas de profissionais da saúde marcados pela comunicação técnica e de difícil compreensão, bem como na difícil interação com instrumentos, máquinas e procedimentos incômodos. A confirmação do diagnóstico de tumor maligno se torna um evento disruptivo na vida da protagonista, que tem sentimentos de tristeza, ansiedade e medo intensificados a partir de então. Por outro lado, o apoio que Carolina recebe de amigos e familiares, seja através do cuidado com suas filhas ou do acompanhamento em seus itinerários terapêuticos, são exemplos da importante rede de apoio que se configura ao redor dela.

O segundo capítulo retrata os desdobramentos que acontecem na vida de Carolina a partir do diagnóstico que ela recebe. A partir de dúvidas que surgem sobre tipos de tratamento e intervenções, a busca por informações através de pesquisas e do contato com outras mulheres que tiveram câncer são estratégias fundamentais articuladas pela protagonista, a fim de que tome suas decisões de maneira consciente. O procedimento cirúrgico ao qual ela se submete e os desafios do pós-operatório aparecem neste capítulo, e são seguidos por uma intensa ponderação sobre tratamentos, tais como hormonioterapia, quimioterapia e radioterapia. Uma grande preocupação de Carolina Passos, protagonista do livro, se dá em torno da discussão sobre intervenções excessivas versus intervenções necessárias, o que a mobiliza a não acatar as indicações médicas de maneira automática, mas sim através de reflexões com capacidade crítica. Neste processo, ela transita por diferentes consultórios médicos, informa-se sobre riscos de recidivas, prognóstico e efeitos colaterais. Sua persistência na busca por um tratamento condizente com suas necessidades se torna exemplo <https://sociologiaeantropologia.com.br/instrucoes-aos-autores> de sua agência enquanto mulher em tratamento contra o câncer de mama, nos dando boas pistas sobre o exercício da cidadania e busca por direitos.



O terceiro capítulo convida a leitora a mergulhar num outro momento na trajetória de Carolina que, após a cirurgia para retirada do tumor, precisa decidir sobre as terapêuticas que irá adotar. Nesse contexto, aspectos como a hereditariedade e as características do câncer ajudam-na a decidir pela radioterapia, e o contato com profissionais da saúde dispostos a dar explicações cuidadosas a ajudam a se familiarizar com esse tratamento. É possível observar a discussão sobre riscos e benefícios permeando este capítulo, na medida em que efeitos colaterais da radiação, como queimaduras, dores e cansaço são previstos, mas aceitos por Carolina a partir do momento em que ela decide de maneira autônoma. A adaptação com a rotina de se submeter à radiação envolve dificuldades a mais, e, assim, a personagem principal aciona outras estratégias de cuidado, como frequentar cursos de meditação numa associação de pacientes com câncer. Nesse capítulo, novamente é ilustrada a valiosa troca de experiências e espaço de apoio que a protagonista encontra ao frequentar os encontros semanais com pessoas que vivenciam situações semelhantes de adoecimento.

Ainda se tratando do último capítulo ilustrativo, cabe destacar que ele ajuda a compreender o aspecto temporal que atravessa experiências de adoecimento, pois retrata a intensa dedicação de Carolina aos tratamentos de radioterapia, fisioterapia e meditação, mas também demonstra o momento em que esses tratamentos chegam ao fim. Desse modo, momentos de respiro e alívio, através do convívio em família e amigos e da sinalização do fim de uma etapa de cuidados, são distribuídos ao longo das páginas. O capítulo também reflete a chegada da fase de hormonioterapia, os desafios de adaptação em razão dos efeitos colaterais – como irritabilidade e insônia – e à busca por tratamentos alternativos que reforçam (porém, sem romantizar) o cuidado com a alimentação, prática de atividades físicas e busca pela manutenção de um bom sistema imunológico. Este trecho do livro termina deixando importantes aprendizados para a leitora: câncer é uma palavra que pode ter muitos significados, a depender de quem é afetado; a chance de uma pessoa sobreviver a este adoecimento envolve múltiplos fatores, como acesso a tratamentos em tempo hábil, existência de uma rede de apoio e de políticas públicas garantidoras de direitos, atuação de profissionais que cuidem e dialoguem com a realidade de quem é atendido; a compreensão de que vulnerabilidade é um estado que, ao invés de gerar medo, pode impulsionar ações solidárias; dialogar sobre experiências de adoecimento pode somar a uma importante rede de fortalecimento coletivo.

Após finalizada a seção ilustrativa do livro, é apresentado o capítulo “Como este livro foi produzido?”, dividido em três atos e organizado em formato de diálogo. O ato 1 mostra à leitora como Fabiene Gama, Dulce Ferraz e Soraya Fleischer se



aproximaram e como surgiram as primeiras ideias para elaboração de uma graphic novel para falar sobre câncer de mama. Assim, as experiências pessoais de cada uma das três colaboradoras se fizeram interligadas pelo interesse comum em autoetnografia, narrativas de adoecimento e antropologia visual. Com entusiasmo, o projeto de pesquisa que originou o livro foi elaborado e aprovado em edital do CNPq e da Fiocruz Brasília, e sua execução contou com uma rede de especialistas em temáticas envolvendo tradução e popularização da ciência, educação em saúde e saúde da mulher. No ato 2, Camila Siren, muralista e ilustradora do livro, soma-se ao diálogo. Assim, as quatro colaboradoras falam sobre como as tarefas foram divididas desde a escrita e revisão do roteiro, o adensamento proposto pela antropologia da saúde e antropologia visual, a tradução de termos técnicos e significados pouco evidentes, até a criação das cenas dos quadrinhos. Alguns desafios da produção são discutidos, como tornar o relato acessível e ilustrar em formato de desenho o que estava em palavras. Camila Siren, mais especificamente, discorre sobre o rico exercício de criatividade na produção da HQ, em que o estudo de cores e texturas, jogos de luz e sombra e experimentações com os tamanhos dos quadrinhos foram estratégias de ambientação e sobreposição de nuances. Por fim, o ato 3 retrata os processos de escrita de pré e pós-textos da HQ, a busca por uma editora para publicar o livro em diferentes formatos (papel e *ebook*), revisões/ajustes finais, definição e desenho da capa, escolha de um título para a obra e trabalho editorial.

O capítulo “Por que usar quadrinhos para falar sobre câncer de mama”, escrito por Dulce Ferraz, apresenta argumentos que ajudam a compreender dois contextos mais amplos que embasam a escolha pela HQ neste livro. Um deles se refere ao campo onde ocorre o atravessamento entre arte e saúde e o outro entre literatura e saúde. Nestes campos, a interpretação das experiências de adoecimento encontra em expressões como teatro, desenho, pintura e literatura fontes para comunicar e dar vazão a situações que, muitas vezes, representam rupturas biográficas (Bury, 2011) nas vidas das pessoas. Desse modo, Dulce apresenta à leitora que os quadrinhos, em particular, constituem uma ferramenta de especial importância, pois sua estrutura “favorece um tipo de interação que ajuda a nos sentirmos parte da história” (Ferraz et al, 2022, p. 297).

O capítulo “A potência da autoetnografia para a área da saúde”, escrito por Fabiene Gama, aproxima a leitora dessa metodologia de pesquisa acadêmica, a autoetnografia, ajudando-a a compreender sua relevante contribuição não só para o campo da antropologia, mas também quando aplicada a contextos de adoecimento e situações de vulnerabilidade. Assim, a autoetnografia é enfatizada em sua capacidade mediadora entre experiências pessoais e fenômenos sociais/culturais mais amplos, e



remete ao “corpo como local de saber acadêmico” (Ferraz et al, 2022, p. 302). Essa metodologia construída a partir de princípios que criam camadas contextuais e relacionais se torna especialmente relevante quando apropriada pela pesquisadora que, dotada de capacidade crítica sobre os processos que ocorrem em sua própria vida, é capaz de fazer pontes entre o “eu” e o(s) outro(s) localizado(s) nos fenômenos sociais. Autoetnografias como “180 graus, minhas reviravoltas com o câncer de mama” suscitam a atenção para cuidados éticos, exercícios reflexivos e para um duplo ganho: a pesquisadora que narra sua experiência através da escrita encontra nesta metodologia a oportunidade de elaborar o que viveu, encontrando uma estratégia de autocuidado, por um lado; e, por outro lado, a leitora que se absorve no relato encontra a chance de se engajar com a história, agregando o conhecimento científico de uma maneira facilitada. Por fim, Fabiene Gama aponta que as autoetnografias podem expandir os conhecimentos sobre “doenças, escolhas terapêuticas, práticas de cuidado e mesmo relações médico-paciente, configurando uma interessante forma de intervenção política em prol de justiça social” (Ferraz et al, 2022, p. 304).

O capítulo “Como este livro pode ser aproveitado”, escrito por Soraya Fleischer, apresenta os públicos, cenários e situações que podem se beneficiar da leitura do livro. Nesse sentido, a obra se dedica primeiramente a mulheres que experienciaram o câncer de mama, mas pode ser de igual relevância para profissionais da saúde, gestoras/es, pessoas que estão em círculos próximos às mulheres afetadas e aquelas que receberam diagnóstico de doenças graves. Como material didático, ela pode ser utilizada por estudantes a partir da graduação que estejam em cursos que vão desde as Ciências Sociais até cursos diversos das Ciências da Saúde. Como ferramenta de produção ou orientação de autoetnografias, o livro pode ser interessante para docentes e pesquisadoras. E artistas visuais interessadas na intersecção entre adoecimentos e imagens também podem se beneficiar dessa experiência antropológica. Quando se trata dos cenários em que o livro pode ser utilizado, Soraya Fleischer apresenta uma rica disposição de usos possíveis a serem feitos nas áreas acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão), assistenciais (serviços de saúde), de administração pública (gestão de políticas) e na comunidade em geral. As páginas finais do livro contam com um glossário, uma seção de referências bibliográficas e uma página em que são apresentadas as especialistas que foram consultadas para a elaboração da obra.

Os diferentes aportes teóricos, artísticos e conceituais que a obra coloca à disposição da leitora tornam essa uma obra versátil, podendo ser utilizada por públicos e em contextos diversos. A linguagem da HQ possibilita uma imersão no curso de acontecimentos que afeta a personagem Carolina Passos, bem como demonstra uma



qualidade técnica na seleção de paletas de cores, tamanhos dos quadrinhos, formatos dos balões de fala e demais disposições gráficas capazes de fisgar a atenção e o interesse de quem lê. Por fim, vale destacar a qualidade política e educativa deste material, uma vez que amplia conhecimentos sobre processos de adoecimento e busca por tratamento e estimula a reflexividade, bem como a luta por direitos.



Referências

BURY, Michael. 2011. Doença crônica como ruptura biográfica. *Tempus–Actas de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 2, p. 41-55.

FERRAZ, Dulce; SIREN, Camila; GAMA, Fabiene; FLEISCHER, Soraya. 2022. 180 graus, minhas reviravoltas com o câncer de mama. Rio de Janeiro: Editora Nau.

FRANCO, Camila Maia; FRANCO, Tulio Batista. 2011. “Linhas do Cuidado Integral: Uma proposta de organização da rede de saúde”. In: PESSOA, Luisa Regina; SANTOS, Eduardo Henrique de Arruda; TORRES, Kellem Raquel (orgs.). *Manual do gerente: desafios da média gerência na saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 60-75.

